

VIDROS ROMANOS DAS NECRÓPOLES DE ALCÁCER DO SAL DEPOSITADOS NO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Francisco B. Gomes / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / FCT / franciscojbgomes@gmail.com

RESUMO

O espólio vítreo de cronologia alto-imperial proveniente do Olival e da Azinhaga do Senhor dos Mártires, embora não numeroso, reveste-se de um inegável interesse pela sua relativa diversidade e estado de conservação. Apresenta-se aqui um conjunto de peças inéditas, actualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, que constituem uma amostra do repertório vítreo típico dos ambientes funerários dos séculos I-II d.C..

ABSTRACT

The glass material of early imperial chronology from the Olival and Azinhaga do Senhor dos Mártires, albeit not abundant, presents an undeniable interest due to its relative diversity and good conservation state. A study of a group of previously unpublished pieces currently deposited in the Museu Nacional de Arqueologia is presented, which constitutes a sample of the typical repertoire of funerary contexts of the I-II centuries AC.

INTRODUÇÃO

A área envolvente da ermida do Senhor dos Mártires, sensivelmente um quilómetro a Oeste da elevação onde se implantou o Castelo de Alcácer do Sal, é conhecida desde há muito como uma das áreas funerárias por excelência tanto da **Beuipo* sidérica como da *Salacia* romana. Com efeito, e ainda que as importantes descobertas atribuíveis à Idade do Ferro (Arruda, 1999-2000, pp. 72-86) tenham merecido maior atenção, pelo menos desde finais do século XIX que se conhece igualmente a existência de uma ocupação de época romana nesta mesma área (Silva, 1875; Baptista, 1896).

A investigação posterior viria a consagrar a divisão desta zona em dois sítios distintos: por um lado, o Olival do Senhor dos Mártires (OSM), conhecido pela sua intensa utilização funerária ao longo da Idade do Ferro (Correia, 1925 e 1928; Paixão, 1970 e 1983) e, por outro, a Azinhaga do Senhor dos Mártires (ASM), onde se veio a localizar o núcleo principal da necrópole romana imperial (Paixão, 1970. p. 92; 1979 e 1981).

Esta divisão, contudo, não é totalmente concordante com os dados arqueológicos. Com efeito, é possível assinalar a presença de materiais de cronologia

imperial no OSM (p. ex., Viegas, *no prelo*), podendo de igual modo assinalar-se a presença de materiais de cronologia pré-romana em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) provenientes da ASM. Estes dados apontariam para a existência de situações, de resto naturais, de sobreposição entre ambos os conjuntos funerários, hipótese que o presente estudo permite de alguma forma reforçar.

OS VIDROS DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES

O conjunto de vidros de cronologia romana que pude identificar entre o espólio do OSM depositado no MNA consta de apenas cinco peças, facto que poderá relacionar-se com o carácter periférico desta zona em relação ao núcleo da necrópole imperial. Os exemplares em apreço apresentam, por outro lado, uma assinalável unidade funcional, correspondendo de forma exclusiva a unguentários, típicos de ambientes funerários.

Unguentários piriformes

Provêm do OSM três unguentários de morfologia piriforme (Fig. 1: nn.2, 5 e 6); o mais completo desses exemplares, o n.2, pode atribuir-se à Forma 8 defini-

da por C. Isings (1957: 24), a que aquela investigadora atribui uma cronologia genérica do século I d.C. O exemplar em estudo apresenta um estrangulamento baixo, sensivelmente a meio do corpo, que permite situá-lo na segunda metade daquela centúria, no período entre Cláudio e Tito (Alarcão & Alarcão, 1963^a, pp. 181-182). Deve também mencionar-se uma outra peça similar, exumada pelo Professor Vergílio Correia nos anos 20 do século passado no próprio OSM e já publicada (Alarcão & Alarcão, 1963b, n.14).

Peças com morfologias paralelas são frequentes em ambientes funerários, podendo mencionar-se exemplares das necrópoles de Fonte Velha de Bensafrim (Alarcão & Alarcão, 1964, nn.8-14), Serrones e Horta das Pinas (Elvas) (Alarcão & Alarcão, 1967, nn.62-65), de Torre d'Ares-Balsa (Alarcão, 1968, nn.2 e 5; Nolen, 1994, p. 176) ou de Santo André (Viegas, Nolen & Dias, 1981, p. 43). Também no Noroeste peninsular se considera esta morfologia como «[r]elativamente comum, sobretudo em necrópoles» (Cruz, 2009, p. 208), atribuindo-se-lhe igualmente uma cronologia do século I d.C.. É também relevante a sua presença na área do Castelo de Alcácer do Sal (Alarcão, 1978^a, n.22), por se tratar do núcleo urbano correspondente à necrópole que venho tratando.

Os outros dois exemplares de unguentários piri-formes do OSM encontram-se muito incompletos, conservando-se apenas os respectivos depósitos e parte dos colos, pelo que a sua adscrição tipológica oferece reservas. A peça 5 enquadrar-se-á igualmente na Forma Isings 8 antes comentada; quanto à peça 6, hesito em atribuí-la a uma forma concreta; a sua adscrição à Forma Isings 8 não parece impossível, mas seria possível também aproximá-la dos unguentários ditos “em gota” ou “em pingo de mel” (cf. *infra*) ou atribuir-lhe um carácter intermédio entre a Forma Isings 8 e a Isings 82, nomeadamente na sua variante B1 (Isings, 1957, pp. 98-99); qualquer destas hipóteses situá-la-ia no século I d.C. ou, quando muito, nos inícios do século II d.C..

Unguentários bulbiformes

O outro grupo morfológico de unguentários presente no OSM poderia descrever-se genericamente como possuindo depósito bulbiforme e colo cilíndrico desenvolvido (Fig. 1: nn.7-8); estas peças aproximam-se da Forma Isings 28A (*idem*: 42), embora não se enquadrem completamente na morfologia desta. A

sua cronologia genérica no Ocidente romano parece prolongar-se entre os meados do século I, em que são ainda raros, e os séculos II-III d.C., a que se atribuem a maioria dos exemplares (Alarcão & Alarcão, 1963b, pp. 369-370).

São peças pouco frequentes, embora estejam atestadas em diversos sítios portugueses, como Conimbriga (Alarcão & Alarcão, 1965: n.66), Jerumenha e Horta das Pinas (Alarcão & Alarcão, 1967: nn.49-51), Aramenha-*Ammaia* e Mértola (Alarcão, 1978b: nn.19-21) ou ainda em Torre d'Ares-Balsa (Nolen, 1994: 177). A maioria destes exemplares atribui-se à segunda metade do século I – inícios do século II a.C.

OS VIDROS DA AZINHAGA DO SENHOR DOS MÁRTIRES

O conjunto vítreo proveniente da ASM e resultante, sobretudo, dos trabalhos ali desenvolvidos pelo Dr. António Cavaleiro Paixão nos anos 70 e 80 do século passado (Paixão, 1979 e 1981), ainda que não abundante, é bastante mais numeroso que o do OSM. Pude, com efeito, contabilizar vinte e cinco peças que apresentam igualmente uma maior diversidade formal e funcional, embora os unguentários sejam, também aqui, predominantes, somando dezoito exemplares.

Unguentários tubulares (Forma Isings 8)

Também na ASM se exumaram unguentários de morfologia tubular, de que a peça 1 (Fig. 1) é o exemplo mais completo. Este recipiente enquadra-se perfeitamente na antes comentada Forma Isings 8, apresentando um estrangulamento a um terço da altura da peça, detalhe que permite atribuí-lo à primeira metade do século I d.C. (Alarcão & Alarcão, 1963a, pp. 181-182). Peças com esta mesma particularidade foram exumadas em outros contextos funerários do Sul de Portugal, podendo citar-se exemplos de Almeirim (*idem*: n.4), da Horta das Pinas (Elvas) (Alarcão & Alarcão, 1967, nn.60-61), de Torre d'Ares-Balsa (Alarcão, 1970, n.52) ou de Alcácer do Sal, sem contexto preciso, possivelmente correspondendo a recolhidas do século XIX na própria ASM (Alarcão, 1971a, n.1).

As peças 3 e 4 (Fig. 1), por se encontrarem muito incompletas, oferecem reservas quanto à sua atribuição tipológica; parece contudo razoável a sua adscrição a esta mesma forma.

Unguentários bulbiformes

Os unguentários bulbiformes estão representados na ASM por duas peças (Fig. 1: nn.9-10). Parece lógico atribuí-las à Forma Isings 26 (Isings, 1957: 40-41), que é contudo bastante rara no actual território português, estando atestada apenas na necrópole da Horta das Pinas (Alarcão & Alarcão, 1967, nn.55-56; Alarcão, 1968, n.50). Também de Alcácer do Sal provêm peças que poderão atribuir-se a esta forma (Alarcão, 1971a, nn.9-11), sem contexto seguro, embora possivelmente recolhidas no final do século XIX na ASM. Não é possível, por outro lado, precisar se o bordo e o colo a que atribuí o nº 11 (Est. I) correspondem a uma peça de morfologia bulbiforme, embora pareça provável.

Unguentários de colo alto e depósito troncocónico (Forma Isings 28B)

A peça 12 (Fig. 2), que apresenta um longo colo cilíndrico separado do depósito, troncocónico, por um estrangulamento bem marcado, enquadra-se plenamente na Forma Isings 28B (Isings, 1957, pp. 42-43), cuja produção se concentra entre o período de Cláudio/Nero e os inícios do século II d.C., embora as peças com o bordo liso, como o exemplar em apreço, pareçam sobretudo características do século I d.C. (Alarcão & Alarcão, 1964, p. 84).

Peças com esta morfologia são muito frequentes em contextos funerários, podendo mencionar-se paralelos da Fonte Velha de Bensafrim (*idem*: nn.3-4), da necrópole do Monte Molião (*idem*: nn.6-7; Alarcão, 1968: nn.30-31; Arruda, Sousa & Lourenço, 2010, Figs. 7-8), de Torre d'Ares-Balsa (Alarcão, 1970, nn.36, 37 e 40; Nolen, 1994, p. 176), da necrópole de Santo André (Viegas, Nolen & Dias, 1981, pp. 43-44) ou ainda da necrópole da Rouca (Alandroal) (Rolo, 2010, p. 108).

Inclino-me a atribuir a esta mesma forma as peças 13 a 16 (Fig. 2), embora admitindo que o seu grau de fragmentação não permite uma atribuição indiscutível. O mesmo se verifica com o exemplar a que atribuí o número 17 (Fig. 2), que poderia corresponder a uma peça dessa mesma morfologia, embora a escassa porção da parede do depósito preservada permita entrever que aquele teria um perfil mais arredondado, o que aproximaria mais esta peça da Forma Isings 82A1 (Isings, 1957: 97-98), que não conta contudo com paralelos assinaláveis em contextos portugueses.

Unguentários ditos em forma de “gota”, ou de “pingo de mel”

As peças 18 a 21 (Fig. 2) apresentam um característico perfil piriforme, sem estrangulamento, que os aproxima de um grupo bastante frequente em contextos do actual território português que, contudo, não se enquadra de forma clara nas principais tipologias disponíveis para o material vítreo. Usualmente designados como unguentários em “pingo de mel” ou em “gota”, estas peças, atribuídas ao período entre Augusto/Tibério (Alarcão & Alarcão, 1964, p. 82) e Cláudio (Alarcão, 1968, p. 4-5), estão presentes em Fonte Velha de Bensafrim (*idem*: n.1), na necrópole do Monte Molião (*idem*: n.2), na da Horta das Pinas (Alarcão & Alarcão, 1967: nn.57-58), na de Balsa (Alarcão, 1968, n.3; 1970, n.51; Nolen, 1994, p. 176), na de Santo André (Viegas, Nolen & Dias, 1981, p. 43), na de Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966) ou numa sepultura de Almeirim (Alarcão & Alarcão, 1963b, n.5). Existem também exemplares desta forma depositados no Museu Municipal de Alcácer do Sal (Alarcão, 1971^a, nn.6-7) que poderão provir da ASM. Em contextos não funerários, haveria a referir a presença de peças desta morfologia em Conimbriga, amortizadas em níveis de época flávia (Alarcão *et al.*, 1976: nn.38-40).

Unguentários de tipo “candlestick” (Forma Isings 82)

Para além da já comentada peça 17, que poderia, como ficou dito, atribuir-se à Forma Isings 82A1, existem entre o espólio da ASM dois outros exemplares (Fig. 2: nn.22-23) que poderiam enquadrar-se, embora com reservas, no grupo formal dos chamados unguentários em forma de candelabro. A peça 22, de que se conserva apenas o bordo e parte do colo, poderia com efeito pertencer a uma peça desta forma, sem que possa precisar-se qual a variante em que se integraria. Quanto ao exemplar a que atribuí o número 23 parece possível, apesar do seu mau estado de conservação, classificá-lo na Forma Isings 82B2 (Isings, 1957: 99), a que se atribui uma cronologia entre finais do século I e inícios do III d.C..

As peças desta morfologia não são desconhecidas em contextos funerários do território actualmente português, podendo mencionar-se exemplares da necrópole do Monte Molião (Alarcão & Alarcão, 1964, n.15), da Sepultura de Bela Mandil (Olhão) (Alarcão, 1968, n.9), de Torre d'Ares-Balsa (Alarcão, 1970, nn.42-45; Nolen, 1994, p. 177), de Tróia (Alar-

cão, 1971a: n.15), do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar) (Fabião *et al.*, 1998), de Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966), da Herdade de A do Rico (Alarcão & Alarcão, 1967, n.54) ou do Pombalinho (Alarcão, 1968b). No Noroeste, considerou-se que esta forma é rara, estando sobretudo presente em necrópoles (Cruz, 2009, p. 213). Em contextos não funerários, haveria a assinalar a sua presença em Conimbriga (Alarcão & Alarcão, 1965, n.161) e em Aramenha-*-Ammaia* (Alarcão, 1978b, n.17).

Tampa (Forma Isings 66B)

Para além dos unguentários que venho comentando, pude identificar entre o espólio da ASM um pequeno número de peças com funcionalidades distintas. Entre estas, cumpriria destacar uma tampa (Fig. 2: n.24) enquadrável no Tipo Isings 66B (Isings, 1957: 85-86), a que se atribuiu uma cronologia entre meados do século I e, provavelmente, inícios do século III d.C. (*ibidem*). A peça da ASM, que não encontra paralelos exactos nos espólios vítreos do actual território português, serviria de cobertura a uma das urnas de vidro da Forma Isings 67A (Isings, 1957: 86-87) já publicadas (Paixão, 1981, p. 168; Nolen, 2002), a que se atribuiu uma cronologia entre meados do século I e o final do II d.C. (*ibidem*). Trata-se, de resto, de uma das poucas peças cuja posição na necrópole conhecemos, ao figurar na planta publicada por António Cavaleiro Paixão (1981, p. 169).

Taças

A peça 25 (Fig. 2) corresponde a uma pequena taça de bordo moldurado, ligeiramente reentrante, de coloração azul ultramarina, que não se enquadra em nenhuma tipologia conhecida, embora não fosse impossível aproximá-la da Forma Isings 81 (Isings, 1957, p. 97), cuja cronologia, extensa, recobriria os séculos I a III d.C. (*ibidem*). Não pude identificar nenhum paralelo satisfatório para esta peça em conjuntos do actual território português.

Cumprir ainda mencionar neste apartado a existência de uma taça pertencente à Forma Isings 2 (*idem*: 17) igualmente em vidro de coloração azul ultramarina, já publicada (Nolen, 2002), com uma cronologia da primeira metade do século I d.C. (*idem*).

Conta ou cossoiro

Há também a registar a presença de uma pequena peça de perfil troncocónico em vidro verde opaco (Fig. 2: n.26) que poderá corresponder tanto a uma

peça de adorno, hipótese que me parece mais provável, como a um elemento funcional, ligado à fiação.

Peças de forma indeterminada

Finalmente cabe aqui resenhar quatro outras peças que, pelo seu estado de conservação, não permitem uma qualquer atribuição funcional ou tipológica. A peça 27 (Fig. 2) corresponde a uma asa de tendência aparentemente sub-horizontal, pertencente a uma peça cuja morfologia é impossível de determinar. A peça 28 (Fig. 2) é um fundo côncavo, de vidro verde azeitona, impossível de enquadrar tipologicamente e cuja própria atribuição cronológica a um momento antigo merece reservas, comentário que estenderia também à peculiar peça 29 (Fig. 2), invulgar pela robustez das suas paredes e pelo perfil troncocónico de fundo muito côncavo que parece evidenciar. Finalmente, a peça n. 30 (não ilustrada) corresponde a um estreito colo cilíndrico, sem dúvida de um unguentário, de forma indeterminada.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os materiais que tive oportunidade de apresentar, de forma necessariamente sucinta, nas páginas anteriores correspondem, como seria de esperar, de forma cabal ao repertório vítreo típico de ambientes funerários, com paralelos em numerosos sítios do actual território português que tive oportunidade de mencionar.

No que diz respeito à sua cronologia, as peças estudadas apresentam uma considerável coerência interna, abarcando um arco cronológico que inclui todo o século I d.C. e o século II d.C., podendo prolongar-se até aos momentos iniciais do III d.C., balizas plenamente consentâneas com a cronologia proposta pelo escavador da necrópole (Paixão, 1981, p. 168).

O espólio vítreo, a que podem acrescentar-se, como mencionei, outros materiais, permite por outro lado defender a sobreposição, pelo menos parcial, entre a necrópole romana e a necrópole proto-histórica, com a presença de depósitos funerários de época imperial no OSM. O presente estudo constitui, assim, uma modesta contribuição para um melhor conhecimento do mundo funerário da antiga *Salacia*.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de & LOURENÇO, Pedro (2010) – A necrópole romana de Monte Molião (Lagos). *Xelb*. Silves. 10, pp. 267-283.
- ALARCÃO, Jorge de (1968a) – Vidros romanos de Museu do Alentejo e Algarve. *Conimbriga*, 7, pp. 7-39.
- ALARCÃO, Jorge de (1968b) – Espólio de uma sepultura luso-romana do Pombalinho (Santarém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S.III:2, pp. 77-86.
- ALARCÃO, Jorge de (1970) – Vidros romanos de Balsa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. III:4, pp. 191-200.
- ALARCÃO, Jorge de (1971) – Mais algumas pequenas coleções de vidros romanos. *Conimbriga*. Coimbra. 10, pp. 25-43.
- ALARCÃO, Jorge de (1978a) – Vidros do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, pp. 155-166.
- ALARCÃO, Jorge de (1978b) – Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia. *Conimbriga*. Coimbra. 17, pp. 101-112.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília (1963a) – Vidros romanos do Museu de «Martins Sarmiento». *Revista de Guimarães*. Guimarães. 73:1-2, pp. 175-208.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília (1963b) – Quatro pequenas coleções de vidros romanos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 73:3-4, pp. 367-395.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília (1964) – Vidros romanos do Museu Municipal de Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74:1-2, pp. 79-130.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília (1965) – *Vidros romanos de Conimbriga*. Condeixa-a-Velha: Museu Monográfico de Conimbriga.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília (1966) – O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 5, pp. 7-104.
- ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília (1967) – Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa. *Conimbriga*. Coimbra. 6, pp. 1-45.
- ALARCÃO, Jorge de; DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília; PONTE, Salette da (1976) – *Fouilles de Conimbriga*. VI. *Céramiques Diverses et Verres*. Paris: Éditions du Bocard.
- CORREIA, Vergílio (1925a) – Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*. Coimbra. 1:7, pp. 347-363.
- CORREIA, Vergílio (1928) – Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *O Instituto*. Coimbra. 75, pp. 190-201.
- CRUZ, Mário (2009) – *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho. Vol. II. Edição Policopiada.
- FABIÃO, Carl JERRA, Amílcar; LAÇO, Teresa LRO, Samuel & RAMOS, Ana Cristina (1998) – Necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 199-220.
- ISINGS, Clasina (1957) – *Roman Glass from Dated Finds*. Groningen: J. B. Wolters.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre d'Ares*. Balsa. Lisboa: IPM.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (2002) – 220 – Urna cinerária; 221 – Urna cinerária; 222 – Taça. In RIBEIRO, José Cardim, coord. – *As Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: MNA-IPM, pp. 517-518.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada. 2 volumes.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1979) – Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 2, pp. 76-79.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1981) – Intervenção de emergência na Necrópole romana da Azinhaga do Senhor dos Mártires – Alcácer do Sal – Distrito de Setúbal. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 4, pp. 165-169.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4:1, pp. 273-286.
- ROLO, Ana Mónica (2010) – *A necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora)*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à FLUL. 2 volumes. Edição policopiada.
- VIEGAS, João Rosa; NOLEN, Jeannette U. Smit; DIAS, Luísa Ferrer (1981) – A necrópole de Santo André. *Conimbriga*. Coimbra. 20, pp. 5-180.
- VIEGAS, Catarina (no prelo) – *Terra Sigillata imports in Sallacia* (Alcácer do Sal – Portugal). In *Acta Rei Cretariae Romanae Favtorum* 43. Bona: Dr. Rudolf Habelt GmbH Verlag.

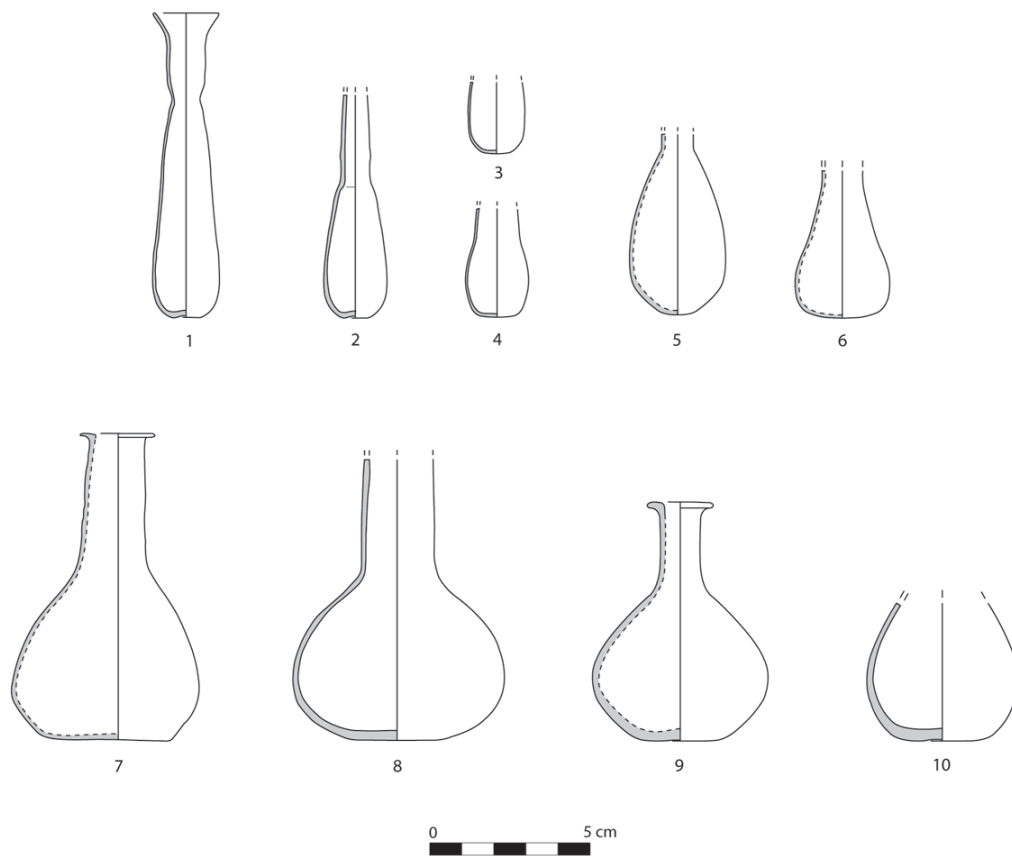


Figura 1 – Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal (I).

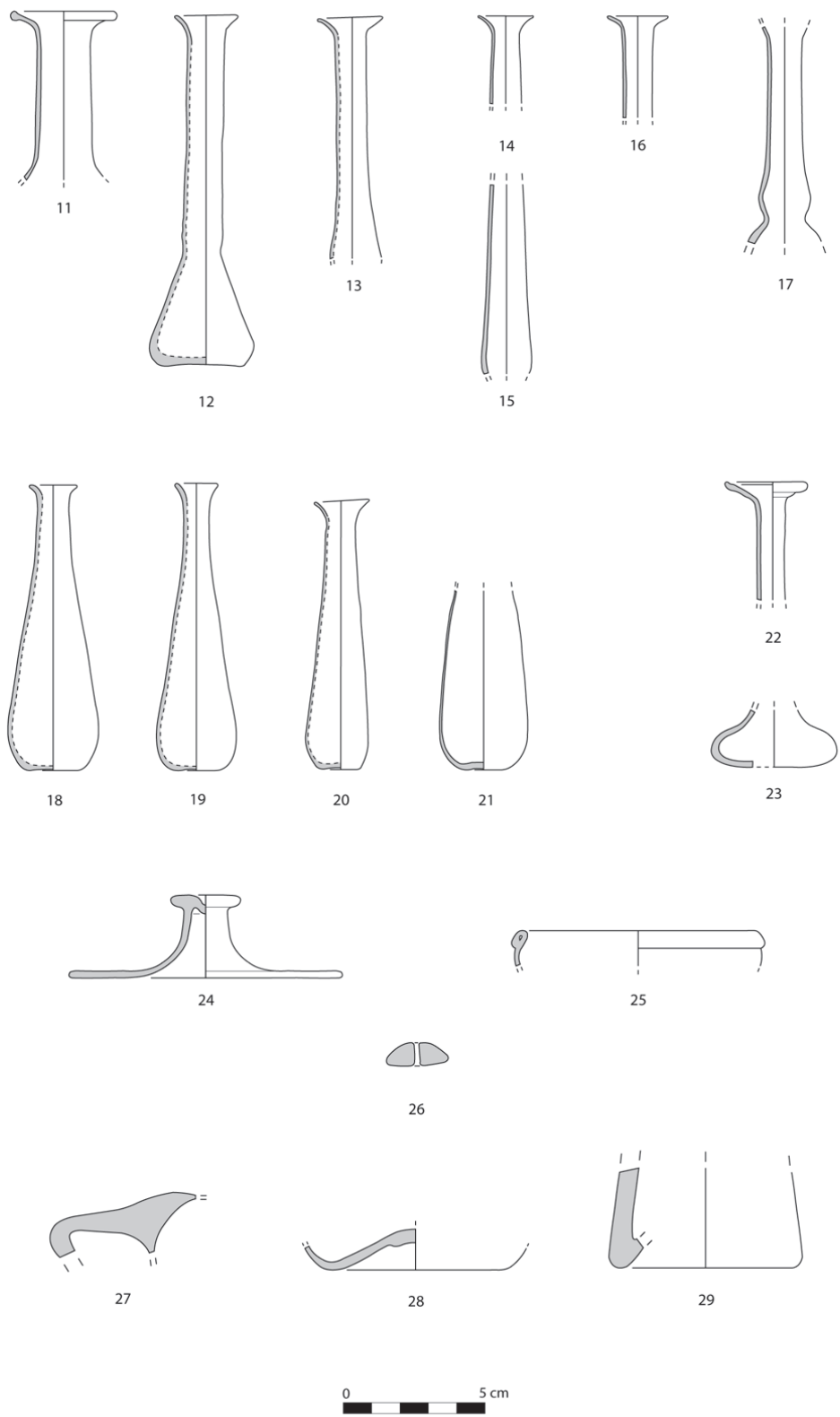


Figura 2 – Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal (2).

Vidros Romanos das necrópoles de Alcácer do Sal - tabela descritiva									
#	Nº. Inv. MNA	Prov.	Fragmento	Forma	Class. (Isings)	Coloração	Alt. cons.	Ø Bordo	Ø Fundo
1	2010.59.2	ASM	Inteiro	Unguentário tubular com colo estrangulado	8	Incolor, translúcido	8,9cm	2cm	0,8cm
2	13903	OSM	Colo/Depósito	Unguentário tubular com colo estrangulado	8	Incolor, translúcido	6,9cm	***	0,8cm
3	2007.28.5	ASM	Fundo	Unguentário tubular com colo estrangulado?	8?	Incolor, translúcido	2,2cm	***	0,8cm
4	2007.28.4	ASM	Fundo	Unguentário tubular com colo estrangulado?	8?	Incolor, translúcido	3,2cm	***	1 cm
5	13898	OSM	Depósito	Unguentário piriforme	8?	Incolor, translúcido	5,6cm	***	c.0,8cm
6	2004.509.1	OSM	Depósito	Unguentário piriforme	8/82B1?	Incolor, translúcido	4,5cm	***	c.1,6cm
7	13895	OSM	Inteiro	Unguentário bulbiforme	28A?	Incolor, translúcido	9,5cm	2,2cm	3,4cm
8	13901	OSM	Colo/Depósito	Unguentário bulbiforme	28A?	Incolor, translúcido	8,7cm	***	2,5cm
9	2009.42.1	ASM	Inteiro	Unguentário bulbiforme	26	Incolor, translúcido	6,4cm	2,2cm	2,2cm
10	2004.510.1	ASM	Depósito	Unguentário bulbiforme	26	Verde claro, translúcido	4,2cm	***	2cm
11	2003.3.25	ASM	Bordo/Colo	Unguentário	Ind.	Azul claro, translúcido	5,9cm	3,6cm	***
12	2003.3.15	ASM	Inteiro	Unguentário de colo alto e depósito cónico	28B	Verde gelo, translúcido	12,2cm	2,2cm	2,8cm
13	2004.391.4	ASM	Bordo/Colo	Unguentário de colo alto e depósito cónico	28B?	Azul muito claro, translúcido	8,3cm	2,2cm	***
14	2007.28.3	ASM	Bordo/Colo	Unguentário de colo alto (e depósito cónico?)	28B?	Incolor, translúcido	4,1cm	1,8cm	***
15	2004.391.8	ASM	Colo	Unguentário de colo alto e depósito cónico	28B?	Azul claro, translúcido	6,5cm	***	***
16	2004.391.7	ASM	Bordo/Colo	Unguentário de colo alto (e depósito cónico?)	28B?	Azul muito claro, translúcido	3,5cm	2,2cm	***
17	2003.3.24	ASM	Colo	Unguentário de colo alto (e depósito cónico? achatado?)	28B? 82A1?	Verde, fosco	7,6cm	***	***
18	2004.508.2	ASM	Inteiro	Unguentário em forma de "gota"	***	Verde claro, translúcido	9,9cm	1,8cm	1,8cm
19	2004.508.1	ASM	Inteiro	Unguentário em forma de "gota"	***	Verde claro, translúcido	9,9cm	1,4cm	1,8cm
20	2003.3.16	ASM	Inteiro	Unguentário em forma de "gota"	***	Incolor, translúcido	9,3cm	1,9cm	1,4cm
21	S/nº. Inv.	ASM	Depósito	Unguentário em forma de "gota"	***	Verde gelo, translúcido	6,2cm	***	1,4cm
22	2003.115.3	ASM	Bordo/Colo	Unguentário	82?	Incolor, translúcido	4,1cm	2,9cm	***
23	2003.3.27	ASM	Depósito	Unguentário com depósito achatado	82B2	Indeterminado; muito alterado	c. 2cm	***	c.2,8cm
24	999.106.2	ASM	Perfil Compl.	Tampa	66B	Azul muito claro, translúcido	2,9cm	9,6cm	2,4cm
25	982.404.7	ASM	Bordo	Taça de bordo moldurado	***	Azul ultramarino, fosco	1,3cm	8cm	***
26	2004.391.3	ASM	Inteiro	Conta ou cossoiro	***	Verde gelo, baço	0,7cm	0,8cm	2,2cm
27	S/nº. Inv.	ASM	Asa	Indeterm.	***	Verde gelo, translúcido	***	***	***
28	S/nº. Inv.	ASM	Fundo	Indeterm.	***	Verde azeitona, fosco?	1,5cm	***	6,1cm
29	S/nº. Inv.	ASM	Fundo?	Indeterm.	***	Verde gelo claro, translúcido	3,5cm	***	6cm?
30	2004.391.5	ASM	Colo	Unguentário?	***	Azul muito claro, translúcido	***	***	***

Figura 3 – Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal – tabela descritiva.